

Da perspectiva das tramas imaginário-afetivas

A grande contribuição da escritura do *A organização...* em 1923², está na tese que apresenta, de que há uma organização genital que se faz desde a infância em torno da primazia do falo.

O que Freud quer dizer com isso?

1. Que a aproximação da vida sexual da criança à do adulto não se limita apenas ao surgimento da escolha de objeto amoroso, como se poderia pensar.
2. Que, mesmo ainda sem a combinação adequada dos instintos parciais sob a primazia genital, o interesse por essa região do corpo adquire significação dominante, só um pouco aquém da importância que tem na maturidade.
3. Que a principal diferença é a organização se dar em torno do falo, pênis imaginário; aquele que todos teríamos, porque só o órgão masculino teria existência e sua ausência seria recusada, sobretudo quando a criança é ainda pequena e faz suas observações de corpos de outras

2 Texto cuja leitura na fonte se comenda, uma vez que aqui apresentaremos apenas os destaques que consideramos relevantes para tratar de uma Psicologia do Desenvolvimento em Freud.

pessoas e de animais. E, se não está aí, é que algo aconteceu: foram castrados! Só a mãe se salva dessa conclusão: deve estar bem escondido, mas ela continua tendo; até que se possa admitir que ela tenha filhos; bem... aí ela pode se incluir entre os castrados!

4. Que, somente na adolescência, é possível admitir a existência de dois órgãos genitais diferentes, para mulheres e para homens, instaurando a primazia dos genitais.

É com tal tese que se faz possível interpolar a fase fálica na descrição que fizemos no capítulo anterior. Mais: é com ela que uma escolha de objeto se faz na infância, suportada pelas figuras parentais, alvos de todo esse jogo amoroso com o colorido da “falicidade”, bem como do investimento sexual incestuoso que o acompanha e que, por efeito de repressão, permanecerá inconsciente. mesmo depois que essas figuras sejam substituídas.

A polêmica em torno da sexualidade feminina

Em que pese todo estranhamento que pode provocar, será o texto *Sexualidade Feminina* (Freud, 1931/1974), de 1931, que apresentará a trama afetiva da psicosexualidade, para além da abordagem genética das fases. Até porque, ao falar sobre sexualidade feminina, melhor Freud trata da masculina. Vou tentar demonstrar que essa minha hipótese faz sentido.

Cada vez que discuto com os alunos o texto e o tema-título, em sala de aula, instaura-se um clima de animosidade contra o criador da psicanálise. Nem com muito esforço consigo que eles considerem o discurso freudiano como um discurso de seu tempo e contexto cultural, sim. Mas, deve-se lê-lo *com isso*. Sem jogar para debaixo do tapete as relativizações necessárias, mas também, sem jogar para debaixo do tapete o próprio texto e o conjunto da obra do autor. As pessoas até entendem, mas não o perdoam. Peço calma à turma, e que apostem no meu taco, para destacar que, feitas todas as análises do discurso e do seu modo de produção, podemos prosseguir com ele, no que constitui um recorte determinado, ele também, um nível de análise, o psicológico. Se Freud se pretende universal, como se pretendem universais os

discursos das disciplinas do conhecimento (ou não teriam valor de verdade), nós não precisamos segui-lo até aí; muito pelo contrário, é constitutivo de nossa estratégia de pensamento circunstanciar as verdades ao contexto histórico e regional das relações que as produziram. O mesmo vale para nossas indignações exacerbadas, nascidas de uma compreensão não analítica de um trabalho criador como o de nosso amigo, de quem tratamos agora. É preciso estar sempre atento e forte para não escorregarmos numa pretensa imparcialidade.

Como eu também me inflamo em debates desse tipo, chego a questionar os alunos sobre uma aceitação tranquila e sem arestas das aulas sobre a metapsicologia freudiana, igualmente apresentadas como explicação da possibilidade de vida. Embora pudessem não ter percebido, todo o programa da disciplina foi montado para relativizar as verdades assim pontificadas. Inclusive, desde lá, trato o pensamento de Freud como *uma* possibilidade, *uma* perspectiva de entendimento de o que é o fazer humano e em consequência, o sofrimento.

É isso. Sempre se corre o risco de um discurso que nega sua posição de uma perspectiva possível, um nível de conhecimento, para apostar em sua totalidade...

Feitas tais ressalvas aqui, bem como feitos os acordos de prosseguimento com as turmas de Psicologia do Desenvolvimento, ano após ano, é melhor proceder ao estudo da afetividade que também está no texto. E nesse plano, como em qualquer outro, vamos entender o que Freud diz sobre nosso tema, para novamente podermos discordar e/ou concordar. Para qualquer discussão de um trabalho clássico, a análise e a contextualização (o que se costuma chamar de “crítica”) são esperadas e bem-vindas.

Vamos, então ao que se pode reconstruir da dimensão psicológica que o texto nos traz, nesse contexto todo de tempo e de teoria de produção desse texto.

Pode-se notar que, para tratar da sexualidade feminina (tema-título), Freud faz uma espécie de distinção e descrição, em paralelo, de como as coisas aconteceriam, para meninos e meninas. É o que passamos a apresentar,

considerando, em princípio os meninos, para quem, como dissemos anteriormente, ele configura, em sua melhor forma, uma sexualidade masculina.

Nos meninos

1. A mãe é o primeiro objeto amoroso e, portanto, o primeiro objeto da libido e de identificação. É uma identificação primária, com um todo representado pela mãe. Não é uma identificação por traços, no caso, genitais (secundária, por ocasião do Complexo de Édipo).
2. O pai, nesse momento, é alvo de hostilidade, por ser considerado um rival na partilha das atenções amorosas da mãe; assim como os irmãos que, porventura, tiver.
3. O pênis, não se pode esquecer, torna-se, por volta dos quatro anos, a região do corpo que lhe dá o prazer maior, quando estimulada. E isto acontece por migração da boca para o ânus e deste para os genitais. Assim, destaca-se para toda observação dos corpos outros (adultos e animais) tal região.
4. O mundo passa a se dividir entre *castrados* e *não castrados*, ou seja, os que têm e os que não têm pênis, na medida em que só o órgão masculino tem evidência, é visível a olho nu, e, como dissemos, é a conspicuidade, a projeção de tamanho no exterior, que atribui existência.³
5. No seguimento de suas observações, dá-se conta que o pai tem um pênis maior que o dele. Além disso é seu rival pelo amor da mãe.
6. Ora, “pensando bem, se meu pai é mais porque tem mais pênis, se eu cultuo narcisicamente o meu pênis por tê-lo e ter nele tanto prazer, posso ser punido com a castração, tão temida; porque se for castrado, entraria para o grupo daqueles que perderam, ou nunca tiveram, a

3 Piaget, tempos depois, vem a formalizar as estruturas cognitivas e classifica como uma característica básica do período intuitivo essa qualidade de julgamento de existência e importância, associadas à percepção do tamanho e do espaço ocupado por objetos.

joia da coroa!” Tal diálogo interno é o presumido diante das descobertas a que conduzem suas pesquisas sexuais.

7. Por esses desígnios (observações mobilizadas pelo prazer autoerótico, culto narcísico ao pênis e temor de castração), pode se consolidar um curioso desfecho: para a preservação da mãe como objeto da libido ele se identifica com o pai. Em outras palavras: pode ter a mãe e ser o pai. Para não perder o pênis, parece não perder mais nada significativo... Inclusive, a identificação que ora se faz com base na hostilidade, é de cunho sexual. “Identifico-me, com força, com o homem que meu pai é/representa, na sua força, como lugar nas relações familiares e com o seu sexo”.
8. Todas as possibilidades de variações desse quadro, vamos esclarecê-las mais à frente. Mas, de início, supõe-se que uma instância superegoica se erige, de maneira rígida. E tudo isso é conflito suficiente para um tempo de “descanso”, que é a *fase de latência*, que descrevemos no capítulo anterior: impulsos ficam mais sob o controle de mecanismos de defesa, bem como o princípio de realidade se consolida e o ego se fortalece.
9. Tudo pronto para que se faça a substituição do alvo de investimento de libido diretamente na mãe, para que se possam amar as meninas, isto é, as outras mulheres.
10. Seguimos de modo ainda esquemático para falar da história amorosa das meninas, seus corpos e suas identificações, tal como se pode depreender do texto *A sexualidade feminina* (Freud, 1931/1974).

Nas meninas

1. Deprendemos do texto freudiano que, com diferenças essenciais, as meninas também têm na mãe, no início da vida, seu alvo de investimento de libido, seu objeto amoroso e de identificação e, no pai, um concorrente afetivo. Que diferenças seriam essas? Ela terá um período mais longo nessa ligação. Um tempo em que terá de fazer duas

mudanças significativas, a saber: terá que mudar o seu próprio sexo (do clítoris para a vagina como zona erógena) e o sexo de objeto-alvo do seu amor (da mãe para o pai). Dada a natureza complexa desses processos, apresentaremos, nesta sequência tópico-descritiva, os efeitos deles. Mais à frente, faremos considerações explicativas com base em outros conceitos importantes da psicanálise freudiana, como os de identificação, Complexo de Édipo e superego. Por ora continuamos com esse forjado paralelo sobre o texto de Freud.

2. Por volta dos quatro anos, o clítoris é a zona erógena, porque a vagina ainda não é a parte de seu corpo que cause sensações prazerosas intensas. No dizer de Freud, a vagina não tem existência concreta até o início da menstruação.
3. A menina também faz observações sobre o sexo dos seres deste mundo. E, na economia cognitivo-afetiva, ao mesmo tempo em que o clítoris lhe dirige as observações para quem tem e quem não tem órgãos proeminentes nessa região do corpo, suas conclusões são que ela e a mãe não o têm. Pela lógica fálica dessa idade, vai se classificar ao lado dos *castrados*.
4. A identificação com a mãe, então, será calcada numa espécie de decepção por se encontrarem do mesmo lado. Ainda tem uma passagem a ser feita da mãe para o pai, que lhe custará uma série de ajustes na ordem da sexualidade. Disso também trataremos depois. Basta apontar que não é a ameaça de castração que desencadeia esses processos, então, a dissolução do Complexo de Édipo e a constituição do superego, não serão mais aquelas que, ideal e esquematicamente, são traçadas para os meninos.
5. Uma identificação não tão forte como aquela dos meninos, o fato de já se ver, de partida, sem o pênis e, portanto, sem precisar temer qualquer tipo de castração, são experiências que permitem às meninas saídas para o Édipo, que abrem possibilidades não previsíveis, no modelo masculino: (a) aguardar por tempo indeterminado que “o clítoris vire pênis”, que ainda cresça; (b) anular o interesse sexual; e

(c) no traçado original, mas mais improvável, reconhecer-se mulher, com todas essas condições.

6. E o resultado é a formação de um superego flexível, na contramão do que o senso comum concebe ser o caso das mulheres. Na sexualidade, isto apareceria como uma ambiguidade maior, e já socialmente aceita, nas manifestações de carinho e afeto entre os pares.

Como o leitor pode confirmar, este breve capítulo ocupou-se da trama psicológica que acompanha, no plano imaginário, as delimitações do caminho corporal do investimento da libido. Não o descarta, mas mostra o que acontece quando se trata de investimento amoroso em objetos, aqueles cuidadores e impeditivos das satisfações diretas da pulsão. O que aconteceria nos destinos afetivos e de representação dela (da pulsão). Mesmo em 1932, embora tivesse sido conceituada a pulsão de morte (aquela que não se representa), quando se trata da sexualidade, com razão, estamos no império da pulsão de vida, sexual, da vida sexual.

No próximo capítulo, abriremos os desdobramentos dessa complexidade, no plano das compreensões teóricas.

